

NOTA SOBRE A PESCA DOS ÍNDIOS KAYAPÓ DA ALDEIA DE GOROTIRE, RIO FRESCO, PARÁ

*Miguel Petrere Júnior*¹

RESUMO - Neste trabalho são descritos os principais tipos de equipamentos e vários aspectos da pesca praticada pelos índios Kayapó da Aldeia de Gorotire no Rio Fresco, Pará. É fornecida uma lista com os nomes científicos e Kayapó dos peixes coletados.

PALAVRAS-CHAVE: Kayapó, Pescarias, Rio Fresco, Tecnologia de pesca.

ABSTRACT - The main types of fishing gear employed and several aspects of the fisheries carried out by the Kayapó Indians, of the Gorotire Indian village, on the Rio Fresco, Pará, Brazil, are described. A list is provided of fish species, with both scientific and Kayapó names.

KEY WORDS: Kayapó indians, Fishing, Rio Fresco, Fishing technology.

¹ UNESP, Departamento de Ecologia, Caixa Postal 178, 13.500, Rio Claro (SP).

INTRODUÇÃO

Em agosto e setembro de 1983 visitei a convite do Dr. Darrell A. Posey, Diretor do Programa de Etnobiologia do Museu Paraense Emílio Goeldi, a aldeia Kayapó de Gorotire (7° 48'S, 54° 46'W), às margens do Rio Fresco para observar e descrever a pesca lá praticada, pelos homens e meninos. Aquela aldeia era habitada na época, por cerca de 700 índios que se dedicavam principalmente à pesca, mais intensa na época da vazante, à caça na época da água alta e à sofisticada agricultura durante o ano todo (Posey 1983).

OS KAYAPÓ E A PESCA

Após 21 dias de convívio diário com os índios e ter com eles participado de 4 pescarias, durante as quais conversamos, foi possível listar 13 tipos básicos de aparelhos e métodos de pesca:

1. Tarrafa - que pode ser lançada aleatoriamente pelo pescador, mesmo sem a visualização de cardumes.
 2. Malhadeira - além de ser usada como verdadeira rede de espera, também pode ser empregada como pequena rede de arrasto de fundo, rio acima, quando os cardumes são detectados.
- A tarrafa e a malhadeira foram introduzidas na aldeia ao redor de 1976 por missionários protestantes.
3. Arco e flecha - o arco de 1 - 1,5 m de comprimento pode ser feito de ipê (pau d'arco) e corda de fibra de palmeira buriti trançada. A ponta da flecha pode ser de madeira dura (como a do pau brasil), chanfrada em serrilha uni ou bilateral ou lisa apontada, de esporão de arraia (*Potamotrygon* sp.) ou ainda de pedaço de osso de veado ou macaco. A ponta é colocada na haste, em geral de bambu, presa com cera de abelha. Depois, é amarrada com cipó ou barbante e encoberta com resina endurecida, uniformizando a superfície enrolada que fica bastante lisa, para facilitar a penetração da flecha. Quando o pescador vai flechar o peixe, pode colocar parte da haste da flecha dentro d'água para compensar o efeito da refração da luz.
 4. Bóia - utiliza uma linha de náilon com um só anzol. A bóia, na qual a linha fica amarrada, é feita com um pedaço de madeira leve.
 5. Espinhel - consta de uma linha de náilon com um só anzol.
 6. Estiradeira - consta de uma linha de náilon com vários anzóis, separados por distância de cerca de 20 cm.
 7. Caniço - consta de uma linha e anzol, com chumbo ou não, presos numa vara flexível.

Tanto o espinhel como a estiradeira podem ser amarrados em árvores, pedras ou em estacas de madeira fincadas no lodo ou na areia e deixados de espera. O anzol (ou anzóis) é iscado com pedaços de peixe, frutos da estação colhidos no igapó ou sementes de plantas cultivadas. Durante uma pescaria vi Bep Ko Ti, o índio com quem estava pescando, capturar com as mãos pe-

quenos peixes elétricos (*Rhabdolychops* sp.), a que chamam genericamente na língua kayapó de "wa - mere", para iscar o anzol. Ele enfiava a palma da mão sob a areia, levantando-a lentamente. Depois de algumas tentativas, capturava alguns desses peixinhos para iniciar a pescaria.

8. Pinguel - consta de uma pena de arara vermelha ou pedaço de pano vermelho preso a um anzol e linha de pescar. Com a linha, o pescador resvala o anzol encarnado com rapidez na superfície da água, para atrair a atenção e capturar principalmente o tucunaré (*Cichla* sp.); *Cichla ocellaris* é chamado de "Tepi Kot". No Estado do Amazonas, o pinguel é chamado de pinauaca. Quando podem obter, os Kayapó também gostam de pescar com a "colher", um anzol camuflado por um pedaço de metal prateado simulando um peixe em movimento.

9. Zagaia - consta de uma ponta de esporão de arraia, ou pedaço de osso ou ferro apontado como um anzol desentortado e preso a uma haste de madeira.

10. Arpão - o arpão é semelhante à zagaia e é usado para capturar peixes maiores; a haste é maior, a ponta pode ser móvel e ligada a uma bóia. Na pesca noturna com arpão, nas margens dos lagos os Kayapó podem queimar folhas secas, principalmente de palmeira, para melhor enxergar o peixe (Posey, comunicação pessoal).

11. Timbó - o uso do timbó, relativamente freqüente entre os Kayapó, também pode ter significado ritualístico, sendo organizado por grupos de idade.

Participei de uma pescaria com timbó no igarapé Ponte, cerca de 30 km a NE da aldeia. No dia da pescaria, cerca de 20 homens acordaram cedo (5:30h), dividiram-se em grupos e foram mata adentro cortar o cipó com seus facões. Por volta das 11:00h, a maioria deles já tinha voltado com grandes feixes (cerca de 15 kg) de timbó cortados em varas, sem as folhas e amarrados com envira. Com um pedaço de pau pesado, entraram no igarapé e começaram a bater com força nos feixes de timbó e a mergulhá-los na água de vez em quando. Chamam a esta operação de "bater o timbó". Assim, o cipó solta uma resina de cor cinza-escura, solúvel em água, que após duas horas de operação ininterrupta havia tingido fortemente o igarapé abaixo até onde pude observar, por cerca de 1 km. Aproximadamente quatro horas após o início da "bateção", os peixes menores começaram a boiar, aos poucos, mortos. Daí após mais uma hora o número de peixes boiando era grande. Os maiores puderam ser capturados com arco e flecha, ou somente com a flecha empregada como um tipo de zagaia ou ainda simplesmente apanhados com a mão, pois estavam atordoados, mas não mortos, talvez devido à concentração de rotenona ainda insuficiente para matá-los. Passamos o restante do dia nessa atividade, e até a manhã seguinte, antes de irmos embora, a água ainda estava escura, mas não havia mais peixes boiando. Os Kayapó não cantaram durante essa pescaria, como costumam fazer quando estão remando em grupos. Demonstraram grande respeito e concentração naquilo que estavam realizando, (é apenas conversaram e se revezaram durante a batida do timbó).

Aproveitei a ocasião para organizar uma coleção de peixes que, somada com os outros exemplares coletados por vários aparelhos no rio Fresco,

compreende mais de 50 espécies diferentes. Os espécimes foram identificados pelo prof. Luiz Paulo Stockler Portugal, do Museu de Zoologia da USP, onde a coleção está depositada. Não vi nenhum camarão morto, apenas vi um grande (preto) que escapou e que não pude reconhecer. Kwyrà-kà, um informante Kayapó, disse-me que não há camarões nos rios Ponte e Fresco, apenas aparecem em pequenos igarapés. Isto pode sugerir que a cadeia alimentar dos predadores maiores esteja calcada sobre alevinos e formas diminutas de peixes adultos, bastante abundantes na Amazônia Central.

A Tabela 1 contém os nomes científicos e Kayapó que foram anotados pelo Dr. Darrell A. Posey.

12. Curral - localmente chamado de "piracema". As estacas do curral são fincadas nas bocas de igarapés pequenos, na descida dos peixes, que podem ser retirados de seu interior através de lances de tarrafa, arco e flecha, zagaia, etc.

13. Mergulha - na época seca, os índios costumam mergulhar no rio e pegar os peixes com as mãos nos poços mais profundos, principalmente o "Bàl Ká Ti Poi Re" (*Hypoptopoma* sp., "Bai Ka Ti Kumrenx" (*Hemiancistrus* sp.) e "Bàl Ka Ti" (*Parotocinclus* sp.), (Posey, comunicação pessoal).

Também costumam matar arraías com a ponta do varejão, quando estão navegando de canoa. Dão-nas aos velhos para comer, juntamente com peixes elétricos em geral (Posey, comunicação pessoal).

Os Kayapó acreditam na existência de um grande peixe elétrico mítico "Mry Kaák", o originador e protetor dos peixes, principalmente dos alevinos, o qual pode se incorporar nas pessoas sob a forma de espírito maligno. Durante expedições de pesca, receiam pronunciar seu nome para evitar atraí-lo. Parece haver um certo dualismo nesta figura mítica, que atuaria como um tipo de estabilizador ecológico. Os Kayapó em geral pescam em grupos, como em muitas outras atividades exercidas pela aldeia. Enquanto um homem lança a tarrafa, outros remam ou limpam o pescado. Enquanto alguns homens cortam o timbó na mata, outros o "batem" na água como descrito anteriormente, etc.

Participei de três pescarias de um dia, além daquela com timbó, que durou dois dias. Os índios levaram bananas, beiju e farinha de mandioca para comer. Durante a pescaria com timbó, alguns índios saíram com espingardas para caçar. O peixe capturado foi consumido assado (jogado no braseiro sem tirar as vísceras), ou cozido em panela de alumínio. Em ambos os casos observei que o pescado foi consumido com exagerada quantidade de sal de cozinha. Não comem peixe cru, pois acreditam provocar doenças.

Para preservar o pescado excedente detectei cinco modos principais:

a) Salgado - com sal de cozinha ou como era no passado com "sal antigo", obtido das cinzas de palmeira (especialmente o inajá), e que pode ser ou não seco ao sol. Atualmente preferem consumir, talvez devido à facilidade de obtenção, o sal de cozinha.

b) Defumado - o pescado é posto num jirau e coberto com folhas de palmeira por algumas horas, envolvido pela fumaça de um fogo sob o estrado.

c) Moqueado - é feita uma grande fogueira, onde são colocadas pedras para se aquecerem. Quando o fogo se apaga, cada peixe ou um grupo deles é embrulhado em folhas de palmeira cuidadosamente trançadas, colocados sobre e/ou entre as pedras, e cobertos com areia grossa do rio aproximadamente por 24 horas.

d) Farinha de peixe - feita principalmente com alevinos e formas adultas diminutas, postos ao sol para secar em grandes quantidades e depois pisados no pilão. Essa farinha pode ser estocada até por um ano e, se porventura se estragar é usada como adubo.

e) Seco ao sol - posto a secar sobre pedra ou num jirau de madeira.

Segundo o informante Kayapó, José Uté, o pescado defumado é preparado para levar para casa, ou para viagens e expedições de caça (ou de guerra no passado) e deve ser consumido no máximo dentro de dez dias, senão se estraga. Já o pescado moqueado pode ser guardado até por um ano perto do fogão dentro de casa, se tiver sido cuidadosamente processado.

Desde 1981, o rio Fresco vem sendo poluído como consequência das atividades do garimpo de Maria Bonita, que em 1983 contava com 2.000 garimpeiros, e que se instalou no leito do rio Ponte, afluente do rio Fresco pela margem direita a aproximadamente 50 km a NE de Gorotire e o garimpo de Cumaru com cerca de 14.000 garimpeiros em 1983, operando também no rio Ponte ao redor de 85 km ao Norte de Gorotire. A água tem cor amarelada, que fica ainda mais escura e barrenta na época da cheia, quando há mais água para lavar a terra retirada do barranco. As missionárias protestantes que vivem na aldeia, informaram-me que com o início das atividades do garimpo houve aumento intenso da mortalidade infantil até que foi instalado o sistema de captação de água proveniente de um igarapé da Serra dos Gradaús, nas proximidades da aldeia.

Devido à cor da água, os índios não mais usam arco e flecha para pescar rio abaixo (a confluência do rio Fresco com o rio Ponte está a cerca de três km acima da aldeia de Gorotire), porque não mais se vê o peixe; estimei a visibilidade ao redor de 15 cm se um disco de Sechi fosse usado rio abaixo e cerca de 150 cm, rio acima. Devido à abundância de arraias no rio Fresco, os índios também evitam pescar rio abaixo, porque a natural dificuldade em detectá-las é agravada pela água barrenta. Os Kayapó também têm dificuldade em detectar as pedras maiores do leito do rio; é comum ocorrer acidentes com os índios que vêm da roça com as canoas carregadas com a colheita, que ao se chocarem com as pedras, emborcam e a safra é perdida.

No dia 22 de Agosto de 1983, realizei uma pescaria experimental rio acima com o Bep Ko Ti, que tarrafeava enquanto eu tomava notas, e com o Dr. D. A. Posey, que remava e fazia as perguntas em Kayapó porque Bep Ko Ti não entendia português (poucos Kayapó são bilíngües). Em 110 lances de tarrafa na porção limpa do rio Fresco, foram capturados 3.900g de pescado (35,4g/lance) com 18 espécimens. Desses 110 lances, apenas em 15 (13,6%) foram capturados peixes. Repetimos a pescaria no dia seguinte sob as mesmas condições (porém sem a participação do Dr. Posey) e distância da aldeia, inclusive sob condições climáticas semelhantes ao dia anterior, rio abaixo, ou seja, na parte poluída. Foram realizados 154 lances e capturados

2.900g de pescado (18,8g/lance) com 13 espécimens capturados com composição em espécies semelhantes ao dia anterior. Desses 154 lances, em apenas 11 (7,1%) foram capturados peixes. É certo que há grande variação nos dados de captura/esforço de um dia para o outro, mas se esse resultado for representativo da situação do rio Fresco, um pescador teria que exercer quase o dobro do esforço no estoque para capturar a mesma quantidade rio abaixo, onde o rio está poluído, do que rio acima onde as águas estão limpas. Os índios não observaram completo desaparecimento de nenhuma espécie de peixe rio abaixo, até aquela data.

A “friagem” é um fenômeno comum de mortandade de peixes que ocorre nos lagos da Amazônia Central, devido à queda brusca da temperatura, que se dá no mês de junho (Brinkman & Santos 1973; Santos 1979). Os Kayapó dizem que esse fenômeno não ocorre nos lagos de várzea do rio Fresco. Isto provavelmente se deve ao fato de que em Gorotire a temperatura média é mais baixa devido a maior altitude (200-500m) e quedas bruscas de temperatura devem ocorrer com maior frequência, fazendo com que haja circulação mais freqüente da matéria orgânica acumulada no fundo dos lagos, impedindo que ela retenha gás sulfídrico em excesso. Também devido à maior altitude, há aumento da drenagem (ver seção transversal do leito do rio para a floresta em Posey 1983) ocasionando seca mais pronunciada nesses lagos, expondo por mais tempo a matéria orgânica à dessecação e decomposição aeróbica.

A aldeia Gorotire foi o primeiro grupamento indígena que visitei, mas a impressão que me provocou é de que o conhecimento ecológico de seus pescadores se aproxima bastante à dos pescadores artesanais da Amazônia Central, com os quais tive maior convívio e experiência de trabalho.

Os Kayapó conhecem bastante os hábitos alimentares, reprodutivos e migratórios dos peixes, têm nome para todas as espécies que coletei, incluindo as formas diminutas e parecem conhecer bem os efeitos das enchentes sobre os estoques. Segundo Posey (1984), os Kayapó plantam árvores frutíferas tais como a massaranduba (*Manilkara huberi*) e jurubeba (*Solanum paniculatum*) na beira dos rios, igarapés e lagos prevendo a alimentação dos peixes com a caída de seus frutos (Goulding 1980), o que a meu ver demonstra o alto grau de sofisticação e prudência a que chegaram visando a proteger o recurso.

É interessante notar que demonstram satisfação em tudo que se refere à pesca, vêem essa atividade tanto como lazer e quanto necessidade de sustento, e assim o que parece ser somente uma forma de lazer para as crianças, quando as levam a pescar é também para elas uma importante fonte de proteína, pois aprendem muito cedo a buscar e preparar sua própria comida. Um menino Kaiapó de oito anos de idade, pode ser considerado completamente independente dos pais com relação ao seu sustento.

Sob o ponto de vista da cultura Kayapó, a proximidade do garimpo representa grande ameaça. Em 1983, os Kayapó estavam recebendo 1.0% do total arrecadado com a comercialização legal do ouro pela Caixa Econômica Federal, no garimpo de Maria Bonita, por este se encontrar dentro da reserva indígena de Gorotire. Com esse dinheiro construíram casas de alvenaria para

Tabela 1 - Lista de Peixes do Rio Fresco e Igarapé Ponte, Gorotire, Pa.

*Peixes. capturados no Igarapé Ponte, os demais em Rio Fresco.

Coletor: Miguel Petrer Jr.

Identificação dos Peixes e nomes vulgares em Português por Luis Paulo Stockler Portugal.

| Nº Lote | Nome Científico | Nome Kayapó e Significado (Darrel Posey) | Nome(s) Português(es) |
|---------|------------------------------------|--|---------------------------|
| *830896 | <i>Potamotrygon</i> sp. C | Mié xêt kamrek (marido queimado vermelho) | Raia, arraia |
| 830897 | <i>Hydrolicus pectoralis</i> | Tep djwa rê (dente de peixe) | Peixe-cachorro, pirandirá |
| 830898 | <i>Serrasalmus</i> sp. C | Tê tyk ti (peixe preto) | Piranaha |
| *830899 | <i>Potamotrygon</i> sp. A | Mié xêt krôre (kekrâtyk)(marido queimado e pintado preto) | Arraia |
| 830900 | <i>Acnodon normani</i> | Ngo tâbm nhô (peixe de água alta) | pacu |
| *830901 | <i>Potamotrygon</i> sp. B | Mié xêt kamrek (marido queimado vermelho) | Arraia |
| 830902 | <i>Potamotrygon</i> sp. B | Mié xêt kamrek (kra)(idem, filhote) | Arraia |
| *830903 | <i>Geophagus</i> sp. A | Kràl ka ô nhài ti (gume pontudo com ocelo colorido) | Acará |
| 830904 | <i>Ramphichthys</i> sp. | Krîó (nome próprio) | Ituí |
| *830905 | <i>Serrasalmus</i> sp. A | Tep krã krã (Amàdn krã krã) (peixe de cabeça chata - cor de arara) | Piranha |
| *830906 | <i>Hemidiopsis</i> sp. | Ka djàte (linha) | Orana |
| 830907 | <i>Cichla ocellaris</i> | Tepi kôt (peixe de margem) | Tucunaré |
| *830908 | <i>Leporinus</i> sp. A | Tê wa (família de peixes com dentes) | Aracu |
| *830909 | <i>Hoplerithrinus unitaeniatus</i> | Kunap (nome próprio) | Jeju |

Tabela 1 - Continuação

| Nº Lote | Nome Científico | Nome Kayapó e Significado (Darrell Posey) | Nome(s) Português(es) |
|---------|-----------------------------------|--|-----------------------|
| 830910 | <i>Geophagus</i> sp. A | Kràì kà ô nhài ti (Krài kà nô ngrã ngrã ti)(gume pontudo com ocelo colorido) | Acará |
| *830911 | <i>Prochilodus unitaeniatus</i> | Ngrõ ti (onomatopéia designando barulho) | Curimatã |
| 830912 | <i>Prochilodus rubrotaeniatus</i> | Idem (Ngrõ ti ja miê kamrek)(idem, de rabo vermelho) | Curimatã |
| *830913 | <i>Hoplias macropthalmus</i> | Krwã ture (kra)(onomatopéia significando barulho quando se pega peixe) | Traíra |
| 830914 | <i>Pseudoplatystoma fasciatum</i> | Kô rá (buquê de flores) | Surubim |
| 830915 | <i>Geophagus</i> sp. A. | Kràì kàk ô nhài ti (ver 830903) | Acará |
| 830916 | <i>Hypoptopoma</i> sp. | Bà kà ti poi re (galho chato como casca de árvore) | Acarí |
| 830917 | <i>Hemiancistrus</i> sp. | Bài kà ti kumrenx (galho chato verdadeiro) | Acarí |
| *830918 | <i>Cichlasoma</i> sp. | Ri nho kratx (oco de palmeira tucumã) | Acará |
| *830919 | <i>Pimelodus ornatus</i> | Ibê (capoeira) | Mandi |
| *830920 | <i>Myleus schomburgki</i> | Tep po ko né tyk (peixe chato, com desenho comprido) | Pacu |
| *830921 | <i>Tetragonopterus argenteus</i> | Pan pan (onomatopéia) | Matupiri, Sauá |
| *830922 | <i>Cynopotamus</i> sp. | Pyka krài ti (ponta de areia) | Dentudo |
| 830923 | <i>Parauchenipterus</i> sp. | Krô pi (cardume) | Cangati |
| *830924 | <i>Curimata</i> sp. | Ngý kà (margem lamacenta) | Branquinha |
| 830925 | <i>Hydrolycus pectoralis</i> | Tep djwa ré (wa biê)(dente de peixe comprido) | Pirandirã |

Tabela 1 - Continuação

| Nº Lote | Nome Científico | Nome Kayapó e Significado | Nome(s) português(es) |
|---------|-----------------------------------|--|-------------------------|
| *830926 | <i>Hassar</i> sp. | Korore (onomatopéia) | |
| 830927 | <i>Serrasalmus</i> sp. B | A mãtn ja ri kunon (família de peixe com pintura de arara) | Piranha |
| *830928 | <i>Hemiodopsis</i> sp. | Ka djät te (Te pa nät) (nadadeira do-brada (linha)) | Orana |
| *830929 | <i>Hemisorubim platyrinchos</i> | Buburé (nome próprio e onomatopaico) | Braco de moça, Jurupoca |
| 830930 | <i>Pseudoplaysioma fascianum</i> | KÖ rá (vide 914) | Surubim |
| *830931 | <i>Geophagus</i> sp. B | Kräi i kák kumrenx (a verdadeira família de peixes com quilha com espinha falsa) | Cará |
| *830932 | <i>Bryconops</i> sp. | Xi kwäk re (nome próprio) | |
| 830933 | <i>Boulengerella lucia</i> | Te kwà du (se grande; se pequeno, bemp) (nome próprio; este peixe é sagrado) | Pirapucu |
| *830934 | <i>Parodon</i> sp. | Teb nhi bé re (Ngrá ngrá) (peixe da mata de várzea amarelo) | |
| *830935 | <i>Triportheus pictus</i> | Õ kren ti (nome próprio) | Sardinha |
| *830936 | <i>Acestrorhynchus microlepis</i> | Mý djwa ka rárà (pênis translúcido) (ponta do pênis) | |
| 830937 | <i>Cynopotanus</i> sp. | Pykai krá ti (barra de areia) (grande) | |
| 830938 | <i>Pimelodella</i> sp. | Hĩka rárà (tronco translúcido) | |
| 830939 | <i>Serrasalmus</i> sp. C | Amät (kra), (Te tyk ti kra) (ver 898) | Piranha |
| *830940 | <i>Pimelodus ornatus</i> | lòè (capoeira; ver 919) | Mandi |
| 830941 | <i>Paraloricaria</i> sp. | Õ'i (espinha do corpo) | Acari |
| 830942 | <i>Pomatoxyston</i> sp. B | Michét kamrek kra (ver 901) | Arraia |
| *830943 | <i>Schizodon</i> sp. | Näi ja (bico) | Aracu |

Tabela 1 - Continuação

| Nº Lote | Nome Científico | Nome Kayapó e Significado | Nome (s) português (es) |
|---------|--|--|-------------------------|
| 830944 | <i>Geophagus</i> sp. A | Kràì kà ô nhài ti (Krài kà po ti) (ver 903) | Cará |
| 830945 | <i>Pterigoplichthys</i> sp. | Bài kàti ka xêt ti (Baikà ti tyk ti) (galho chato de casca queimada) | Acari-bodó |
| *830946 | <i>Hoplias</i> sp. A | Krwàt (onomatopéia) | Traíra |
| 830947 | <i>Utiaritchthys</i> sp. | Tep poi krôri ti (peixe chato pintado, grande) | Pacu |
| *830948 | <i>Curimata</i> sp. | Ngý kà (margem lamacenta) | Branquinha |
| *830949 | <i>Iguanodectes</i> sp. | Tep pa kài tyk (nadadeira com cobertura escura) | |
| *830950 | <i>Asyanax</i> sp. A/ <i>Moenkhausia</i> sp. | Tep prá po ti (peixe de forma diminuta, chato) | |
| *830951 | <i>Anostomus ternetzi</i> | Ka djàt té (Teb bhi bé) (linha da capoeira - família de peixes) | Aracu, Ximboré |
| *830952 | <i>Myleus schomburgki</i> | Tep poi kô né tyk (ver 920) | Pacu |
| *830953 | <i>Potamotrygon</i> sp. C | Mié xêt kamrek (ver 896) | Arraia |
| *830954 | <i>Myleus schomburgki</i> | Ver 952 | |
| *830955 | <i>Pimelodella</i> sp. | Kam mi ôro (nome próprio?) | |
| *830956 | <i>Hoplias</i> sp. B | Krwà tyk (onomatopéia; preto) | Traíra |
| *830957 | <i>Rhabdolichops</i> sp. A | Wa mé (nome próprio de uma família de peixes) | Ituí |
| *830958 | <i>Leporinus</i> sp. A | Té va (ver 908) | Aracu |
| *830959 | <i>Achodon normani</i> | Ngô tàbm nhô (água alta) | Pacu |
| *830960 | <i>Triportheus pictus</i> | Nhõ kré tu (Ô kren tu) (peixe cevado) | Sardinha |
| 830961 | <i>Megalonema</i> sp. | Tê kà mé (Tep kà ràrà) (peixe translúcido) | |
| 830962 | <i>Hypoptopoma</i> sp. | Bài kà ti (Krorore) (galho chato, pintado) | Acari |

Tabela 1 - Continuação

| Nº Lote | Nome Científico | Nome Kayapó e Significado | Nome(s) português (es) |
|---------|------------------------------|--|-------------------------|
| *830963 | <i>Myleus rubripinnis</i> | Tep kî ti (Kra re) (peixe que cria 'cabelo') | Pacu-tinga, Pacu branco |
| *830964 | <i>Leporinus</i> sp. D | Tê wa (ver 958) | Aracu |
| 830965 | <i>Plagyoscion</i> sp. | Ngô tabm nhô (água alta) | Pescada |
| *830966 | <i>Myleus rubripinnis</i> | Tep po krô ti (peixe chato pintado/ desenhado, grande) | Pacu-tinga, Pacu branco |
| 830967 | <i>Pachyurus</i> sp. | Krá i ti kaäk re (espinha falsa na cabeça) | Pescada |
| 830968 | | | |
| *830969 | <i>Pimelodus ornatus</i> | Ibê (ver 919, 940) | Mandi |
| 830970 | <i>Serrasalmus</i> sp. C | Amät kra (Te tyk ti kra) (ver 939) | Piranha |
| 830971 | <i>Paramytoplus</i> sp. | Tep poi (Tep kên ti), kra (peixe limpo, filhote) | Pacu |
| *830972 | <i>Hópius macrophthalmus</i> | Krwä ti re (kra) (ver 913) | Traíra |
| *830973 | <i>Gymnoramphichthys</i> sp. | Pyka ti ka dju ru (Pyka ti nhô wa mé re) (Família do peixe elétrico da praia) | |
| *830974 | <i>Parotocinclus</i> sp. | Bà kà ti (Bà kà tyx kra (galho chato for- te, filhote) | Acari |
| *830975 | <i>Rhabdolychnops</i> sp. | Wa mére (família do peixe elétrico ver 957, | |
| *830976 | <i>Pimelodinae</i> | Kan di ru (nome não Kayapó) | Itui |
| *830977 | <i>Jobertina</i> sp. | Te wa kà ngräre (peixe com dentes com casca, esmalte amarelo) | Candiru |
| *830978 | <i>Tetragonopterinae</i> | Pu kai krá ti krare (mesmo nome que o nº 937, filhote) | |
| *830979 | <i>Chetodoniinae</i> | Tep jai my ka mrôre (pênis encarnado) | |
| *830980 | <i>Pimelodella</i> sp. | Hî re (ver 938) | |

Tabela 1 - Conclusão

| Nº Lote | Nome Científico | Nome Kayapó e Significado | Nome (s) portugueses (es) |
|---------|------------------------|---|---------------------------|
| *830981 | <i>Curimata</i> sp. | (Não anotado) | Branquinha |
| | <i>Creagrutus</i> sp. | (Não anotado) | |
| | Tetragonopterinae A | (Não anotado) | |
| | Tetragonopterinae B | (Não anotado) | |
| | Tetragonopterinae C | (Não anotado) | |
| *830982 | <i>Jobertina</i> sp. | Tep kaingàrà (Te wa tytx)(peixe desenhado) | |
| *830983 | <i>Astyanax</i> sp. A | Tep prá po ti (Peixe diminuto)(chato grande) | |
| *830984 | <i>Astyanax</i> sp. B | Tep prá ka ràrà ti (peixe diminuto translúcido) | |
| 830985 | <i>Panaque</i> sp. | (Não anotado) | A cari |
| 830997 | Pimelodinae | (Não anotado) | |
| 830998 | <i>Acnodon normani</i> | (Não anotado) | Pacu |
| 830999 | <i>Crenicichla</i> sp. | (Não anotado) | Jacundá |

Obs.: Os três últimos lotes (997-999) têm procedência incerta, podendo ser ou do rio Fresco, ou do Igarapé Ponte).

si, mudando seus hábitos alimentares e criando novas necessidades, como por exemplo, o aumentado consumo de sal de cozinha já mencionado. Os confortos da vida "civilizada", agora cada vez mais próxima, exercem um fascínio irresistível aos Kayapó mais jovens, que começam a ir trabalhar no garimpo, com os resultados culturais previsíveis.

Kwyrà-Kà me contou que os Kayapó mais jovens não mais esperam as colmeias se tornarem maiores (o que aumenta a probabilidade de dispersão das populações de abelhas) para retirar o mel. Retiram o mel de qualquer colméia que encontram, para vender ou trocar no garimpo por fumo, tênis, caramelos, bolachas, sabonetes, etc.

Porém esses índios ainda retêm sua cultura que deve ser preservada a qualquer custo, pois a comunidade Kayapó em Gorotire é extremamente saudável e harmônica e seu conhecimento do ecossistema da floresta e dos rios; isto pode ser muito instrutivo para a ocupação racional da Amazônia.

AGRADECIMENTOS

Ao Dr. D. A. Posey, ao Prof. Dr. W. E. Kerr do Departamento de Biociências da Universidade Federal de Uberlândia, pela leitura crítica do manuscrito, ao Prof. Luís Paulo Stockler Portugal, do MZUSP, pela identificação dos peixes e ao CNPq e Universidade Federal do Maranhão pelos recursos financeiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRINKMAN, W.L. & SANTOS, U.M. 1973. Heavy fish kill in un polluted flood plain lakes of central Amazonia. *Biol. Conserv.* 5: 147-149.
- GOULDING, M. 1980. *The fishes and the forest*. Exploration in Amazonian natural history. Berkeley, University of California Press. 280 p.
- POSEY, D.A. 1983. Indigenous knowledge and development: an ideological bridge to the future. *Cienc. Cult.*
- POSEY, D.A. 1984. A preliminary report on management of secondary forest by the Kayapó indians in Brasil. In: PRANCE, G. (ed.). *Ethnobotany of the neotropics*. Advances in botany. New York Botanical Garden.
- SANTOS, U.M. 1979. Observações limnológicas sobre a asfixia e migração de peixes na Amazônia Central. *Cienc. Cult.* 31: 1034-1039.

Recebido em 20.10.88
Aprovado em 17.10.89